



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação- DEDU

Clarissa Moura Quintanilha

**Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação  
ao fenômeno bullying**

São Gonçalo

2011.2

Clarissa Moura Quintanilha

**Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação  
ao fenômeno bullying**

Monografia apresentada no curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vânia Medeiros Gasparello

São Gonçalo

2011.2

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

Q7 Quintanilha, Clarissa Moura.

Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying / Clarissa Moura Quintanilha. – 2011.

112p.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vânia Medeiros Gasparello.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Bullying escolar. 2. Criança e violência. I. Gasparello, Vânia Medeiros. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

CDU 37:316.485.26

Clarissa Moura Quintanilha

**Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação  
ao fenômeno bullying**

Monografia apresentada no curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia



Aprovado em: Dezembro de 2011.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Vânia Medeiros Gasparello (Orientadora)

Departamento de Educação

Faculdade de Formação de Professores

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Helena Amaral Fontoura (parecerista)

Departamento de Educação

Faculdade de Formação de Professores

São Gonçalo

2011.2



**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**Parecer de monografia de final de curso**

**Título: Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying**

**Autora: Clarissa Moura Quintanilha**

**Orientadora: Vânia Medeiros Gasparello**

**Parecerista: Helena Amaral da Fontoura**

A monografia apresenta questões relativas a situações de violência (fenômeno bullying) vividas por professoras enquanto alunas em escola básica.

A estrutura do trabalho encontra-se organizada em cinco capítulos, seguidos das considerações finais. As referências bibliográficas estão de acordo com o texto, com as normas da ABNT e foram bem exploradas. A proposta metodológica utilizou questionários respondidos por docentes de diferentes locais, o que dá à pesquisa uma dimensão ampla e abrangente.

Falar sobre esse tema trouxe reflexões sobre a importância das histórias de vida na formação e atuação docentes, o que está se mostrando um recurso formativo dos melhores, e se verifica também nessa pesquisa.

Considero o trabalho aprovado com nota 9,0 (nove), dando à autora condição para a obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

**São Gonçalo, 2/12/11**

---

**Helena Amaral da Fontoura**

**Matr UERJ 33923-4**

## Dedicatória

À Deus pela força e energia emanada pela fé.

À minha mãe, carinho e dedicação.



## AGRADECIMENTOS

À Deus e todas as energias positivas que me auxiliaram na construção deste trabalho.

À minha querida orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vânia Medeiros Gasparello, que escutou sensivelmente os meus questionamentos e dúvidas, contribuindo generosamente para esta pesquisa.

Às professoras que participam do curso/oficina: Subjetividade e Trans/formação do adulto no ambiente educativo: trabalhando com histórias de vida e processos de individuação, do Colégio Municipal Mário Quintana, que foram acolhedoras e solícitas em ajudar na construção desta monografia.

Aos professores (as) que responderam os questionários desta investigação e compartilharam histórias de vida.

Às minhas amigas do curso e da vida, que me auxiliaram nesta pesquisa expondo suas opiniões e vivências, em especial a Giovana Queiroz e Marcela Elethério.

Aos professores e para sempre meus mestres do curso de Pedagogia da UERJ/FFP, que instigaram o nosso pensar/refletir crítico, em especial agradeço as minhas professoras de pesquisa IV: Helena Fontoura e Gianine Pierro.







Apreendi através da experiência amarga a suprema lição: controlar minha ira e torná-la como o calor que é convertido em energia. Nossa ira controlada pode ser convertida numa força capaz de mover o mundo.

Mahatma Gandhi

## RESUMO

QUINTANILHA, Clarissa Moura. *Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying*. 2001.2 112f. Monografia (Graduação em Pedagogia)-Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

O presente estudo investigou qual a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying e a sua história/experiência de vida perante este fenômeno. Pesquisou ainda, qual seria o papel da classe docente e da escola no enfrentamento desta violência institucional, suas possíveis causas e formas de combatê-lo conscientemente em prol de uma educação voltada para a paz. Para essa reflexão, teve como referência, principalmente, autores que dialogam com a teoria da complexidade e a psicologia analítica. A metodologia inicial foi uma pesquisa bibliográfica sobre o tema bullying, a qual verificou que existem poucos estudos que abordem especificamente a percepção do professor em relação a essa temática, caracterizando essa investigação como de caráter qualitativo e exploratório. Dessa forma, a pesquisa procurou situar os primeiros estudos realizados sobre o bullying, a concepção mais aceita deste fenômeno, características e principais papéis sociais dos envolvidos nesta situação. A metodologia utilizada também analisou questionários semi-estruturados com professores das redes particulares e públicas dos municípios de São Gonçalo (RJ), Niterói (RJ) e Santo André (SP). Outra abordagem metodológica realizada foi a análise de um grupo de discussão no Colégio Municipal Mário Quintana, em São Gonçalo (RJ). Foi verificado que muitos professores conhecem o fenômeno bullying, seja no cotidiano escolar hoje, seja através das suas histórias de vida. Contudo, existe carência de uma

reflexão mais profunda sobre o tema e que dê voz a percepção dos professores em relação a essa violência institucional (bullying), na busca por um ambiente educativo mais acolhedor, compreensivo e respeitoso das diferenças.

**Palavras-chave:** Bullying, Professor, História/experiência de vida, complexidade, educação para a paz.

#### **ABSTRACT**

This study investigated what is the perception of the teacher in relation to the bullying phenomenon, their history of living in this phenomenon, the role of class teacher, school, possible causes and how to combat it consciously in favor of an education directed to peace. Bullying is a term used worldwide to describe acts of physical or psychological violence, intentional, repeated, performed by an individual or group of individuals causing pain and anguish, performed within an unequal power relationship. With reference to authors, MORIN, JUNG, FANTE, CELANO, BEANE and others. Methodologically, we conducted a qualitative and exploratory. For data collection, we used semi-structured questionnaires with teachers from public and private networks in the municipalities of São Gonçalo (RJ), Niterói (RJ) and Santo André (SP). We also held a discussion group in the Colégio Municipal Mario Quintana, aiming at a collective opinion of the teaching. We realized from the results that many teachers know the phenomenon of bullying through their stories of life, and few have studied and / or sought a deeper reflection. However, we believe in the importance of analyzing the perception of teachers in relation to this institutional violence (bullying) in

search of the interaction between school, community and family for a more welcoming environment, understanding and respectful.

**Keywords:** Bullying, Violence in schools, Teacher, Perception, Life History

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Professores entrevistados .....	31
Figura 2- Número de docentes .....	31
Figura 3- Grau de ensino em que lecionam.....	31
Figura 4- Tempo de magistério.....	31

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O BULLYING .....	15
1.1 O que é considerado bullying?.....	16

1.2	Formas de bullying .....	18
1.3	Papéis desempenhados pelos alunos no bullying escolar .....	20
2	O FENÔMENO BULLYING PERANTE AS LEIS BRASILEIRAS.....	23
2.1	Uma reflexão sobre o papel da educação frente à violência institucional (bullying).....	24
3.	ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DIRIGIDOS AOS PROFESSORES (AS) .....	31
4.	GRUPO DE DISCUSSÃO REALIZADO COM PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	39
5.	EDUCAÇÃO PARA A PAZ .....	46
	Considerações finais.....	50
	Referências.....	53
	ANEXO - Questionários distribuídos para os professores (as).....	58

## INTRODUÇÃO

O presente estudo iniciou-se a partir de uma oficina realizada na Faculdade de Formação de Professores, localizada no município de São Gonçalo (RJ), com estudantes do curso normal Clélia Nanci, no ano de 2009, na disciplina do curso de Pedagogia Estágio III, ministrada pela professora Inês Bragança. Nesta oficina realizamos uma vivência, com alunos, futuros professores ou já atuantes. Eles tinham que contar a sua história de vida em relação ao bullying e depois dramatizá-la. Notei que todos os participantes não tinham nenhum conhecimento teórico sobre o bullying, porém contaram muitas histórias de vida ligadas ao tema.

Após a realização desta oficina, continuei a investigar o assunto e a me interessar pela percepção e história de vida da classe docente perante o bullying. Ao longo da minha pesquisa bibliográfica, notei a ausência e/ou a pouca publicação de referências teóricas do *bullying na visão do professor*, tornando assim essa investigação monográfica, de caráter exploratório. A dificuldade de encontrar uma literatura científica mais específica nos fez abordar o tema com autores que não discutem diretamente a relação professor-bullying, em prol de fomentar futuras pesquisas. Dessa forma, destaco que dialoguei principalmente com Beane (2010), Fante (2005), Celano (1999), Jung (1978), Morin (2000), Gasparello (2006), entre outros. A psicologia analítica e a teoria complexa de Morin contribuíram para a reflexão de que o sujeito adulto (professor) está em constante processo de transformação, percebendo a classe docente, foco principal desse estudo, de uma perspectiva mais complexa.

Além da pesquisa bibliográfica, outra metodologia utilizada foi a da coleta de dados por meio de questionários semi-estruturados, distribuídos para professores da rede pública e privada, dos municípios de São Gonçalo (RJ), Niterói (RJ) e Santo André (SP). No total, 31 questionários foram respondidos e encontram-se em anexo. Na tentativa de maiores reflexões acerca do tema, investigamos a formação desses professores, o grau de ensino em que lecionam, o seu conhecimento perante o bullying, a sua história/experiência de vida relacionada ao fenômeno bullying, e qual o papel do docente e da escola em casos de violência escolar na opinião destes professores.

Também utilizamos a metodologia do grupo de discussão (WELLER, 2011) e da análise por meio de uma dramatização teatral, realizada em uma oficina com 14 professoras da educação infantil e do ensino fundamental, no dia onze de novembro de dois mil e onze, no Colégio Municipal Mário Quintana, localizado no município de São Gonçalo. Essa oficina foi parte de um curso/oficina denominado “Subjetividade e trans/formação do adulto no ambiente educativo: trabalhando com histórias de vida e processos de individuação”, coordenado pela prof. Dra. Vânia Medeiros Gasparello, que é uma pesquisa-ação (BARBIER, 2002) e um projeto de extensão no qual participo como bolsista. A metodologia dessas oficinas estão relacionadas à idéia de vivências (BYINGTON, 2004), nas quais se utilizam diferentes técnicas de auto-expressão criativa, tais como a dramatização. O uso dessas metodologias neste encontro em especial, tiveram como objetivos refletir sobre o que essas docentes pensavam sobre o bullying na escola hoje; e também descobrir algumas experiências relacionadas a sua história de vida no ambiente escolar ligadas a este fenômeno. Procuramos

ter a mínima intervenção possível, buscando fomentar discussões e deixá-las livres para colocar as suas opiniões e experiências.

**No capítulo 1**, realizamos um breve histórico sobre o fenômeno bullying: quem foi o primeiro pesquisador a analisar, além do recorte dos primeiros estudos e pesquisas realizadas no Brasil. Analisamos o que é considerado bullying, procurando diferenciá-lo do conflito normal, dando pistas de como percebê-lo e da importância de uma ação consciente. Enfatizamos a diferença entre as formas de bullying, que podem ser: físico, verbal, social, relacional; e hoje percebemos uma nova prática de bullying, denominada de cyberbullying. Discutimos também os papéis desempenhados pelos alunos no bullying escolar, que podem ser: vítima típica, vítima provocadora, vítima agressora, agressor e espectador.

**No capítulo 2** analisamos o fenômeno bullying perante as leis brasileiras e refletimos o papel da educação e do professor frente a este fenômeno. Como referência teórica em prol de enriquecer a nossa discussão utilizamos autores como, Morin (2000), Jung (1978), Bourdieu (2010), Celano (1999), Gasparello (2006), entre outros.

**No capítulo 3** analisamos os questionários distribuídos para professores (as) da rede pública e particular em prol de ampliarmos a nossa compreensão da percepção e experiências de vida (JOSSO, 2004; 2006; 2008) da classe docente perante a violência institucional (bullying). Como sublinha Minayo (2011, p. 75): “O pesquisador em qualquer hipótese tem o ônus da compreensão contextualizada e da interpretação.”

**No capítulo 4**, analisamos o grupo de discussão e a dramatização realizada com 14 professoras no Colégio Municipal Mário Quintana, durante uma das oficinas do projeto de pesquisa e extensão, da qual participava como bolsista, denominado “Subjetividade e Trans/formação do adulto no ambiente educativo: trabalhando com histórias de vida e processos de individuação”. Analisamos uma das vivências (BYINTON, 2004) realizada, a dramatização, que faz parte da abordagem metodológica do projeto.

**No capítulo 5** refletimos sobre a importância da construção de uma educação voltada para a paz de forma consciente. Para essa reflexão, dialogamos principalmente com Celano (1999), Freire (1986), Fante (2005) e com os questionários dirigidos aos professores (as), conforme descrito no capítulo 3.



**Nas considerações finais**, realizamos reflexões acerca da pesquisa em questão. Tais como, a Constituição Brasileira frente ao bullying escolar, o papel do professor, da escola, da família na construção de uma educação voltada para paz, o modelo escolar brasileiro e alguns dados levantados através dos questionários e do grupo de discussão.

## **CAPÍTULO 1: UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O BULLYING**

O primeiro pesquisador que percebeu o fenômeno bullying foi o professor Dan Olweus e seus estudos realizados na Universidade de Bergen- Noruega (1978 a 1993) obtiveram grande repercussão. Porém, o governo norueguês atentou seu olhar para essa violência institucional apenas após o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, que provavelmente foi influenciado por atos de maus tratos dos colegas. A partir desse fato, a autoridade norueguesa, pressionada pela população, realizou em escala nacional a Campanha Anti-Bullying nas escolas (1993).

Voors (2000) afirma que a campanha Nacional Norueguesa Anti-Bullying reduziu índices de bullying e a evasão escolar, viabilizando a melhora no desempenho acadêmico.

Ele encontrou benefícios para todos os alunos quando o programa antibullying reduziu o comportamento agressivo na escola. Não só uma redução de bullying leva a um menor incidente de violência, mas a moral escolar foi elevada, a evasão escolar foi reduzida, e o desempenho acadêmico geral melhorou. (VOORS, 2000, p. 29, tradução nossa) <sup>1</sup>

A autora Cleo Fante (2005) enfatiza a importância do pesquisador norueguês por ter desenvolvido critérios para diagnosticar o bullying.

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo. (FANTE, 2005, p. 45)

O questionário proposto pelo pesquisador para ser respondido pelas crianças consistia em um total de 25 questões com respostas de múltiplas escolhas, onde se verificava os tipos

---

<sup>1</sup> O texto em lingua estrangeira é: “He found farching benefits for all students when antibullying programs reduced aggressive behavior in schools. Not only did a reduction in bullying lead to a lower incidence of violence, but morale was enhanced, truancy was reduced and overall academic performance improved.”

de agressão, a frequência, os locais que elas ocorriam, as percepções individuais quanto ao número de agressores. A pesquisa era baseada no olhar da criança, o professor não desenvolveu pesquisas em prol de analisar a visão do corpo docente. Este questionário foi adaptado por diversos países, facilitando uma análise do bullying entre culturas. No Brasil, houve adaptação pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência – ABRAPIA.

Entre os anos de 2000 a 2004, a ABRAPIA pesquisou e constatou que 40,5% dos alunos admitiram estar envolvidos em bullying, revelando também que este fenômeno se faz presente com índices superiores aos países europeus. Nesta pesquisa foram ouvidos 5.800 alunos de instituições cariocas, duas particulares e nove públicas, de 5ª a 8ª série do antigo ensino fundamental. Desse total, 40,5% dos estudantes admitiram que estiveram diretamente envolvidos em atos de bullying em 2002, sendo que 16,9% se identificaram como alvos,

12,7% como autores e 10,9% autores e alvos. Os outros 57,5% negaram ter participado de situações de bullying.

### **1.1 O que é considerado bullying?**

A palavra bullying é compreendida universalmente como um conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais sem motivo aparente, adotado por um ou mais alunos contra outro (a) causando angústia, dor ou sofrimento. Fante (2005) destaca que outros países adotaram denominações distintas para este fenômeno: “mobbing” na Noruega e Dinamarca, “mobbing” na Suécia e na Finlândia, “harcèlement quotidién” na França, “prepotenza ou bullismo” na Itália, “yjime” no Japão, “agressionem unter shülern” na Alemanha, “acoso y amebaza” entre escolares na Espanha e “maus-tratos entre pares” em Portugal. Contudo, o termo bullying é conhecido mundialmente em prol de facilitar a comunicação entre povos.

Chalita (2008, p. 81) ressalta que: “O fenômeno bullying não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana. Está presente em grupos de crianças e jovens, em escolas de países e culturas diferentes.”

Faz-se importante destacar que para ser caracterizado como bullying é necessário ser um ato repetitivo. Percebemos falas cotidianas denominando atos “normais” entre crianças e adolescentes como bullying.

É importante que você saiba diferenciar o bullying de um conflito normal. Alguns tipos de conflitos são parte da vida. Nem todo o conflito necessariamente fere, e lidar com essas situações pode ajudar o seu filho para a vida de maneira positiva. Portanto, não se precipite quando observar conflito entre seu filho e as outras crianças. (BEANE, 2010, p.17)

É preciso ter atenção e cuidado e principalmente escutar sensivelmente os nossos alunos para poder diagnosticar melhor as situações conflitantes no âmbito escolar. Observar atentamente se o comportamento excedeu os limites do conflito normal, na interpretação de Beane (2010, p.18), ocorre quando:

Tem o objetivo de ferir e prejudicar o seu filho. Parece intenso e tem ocorrido por um significativo período de tempo. A pessoa que intimida seu filho procura ter

poder e controle sobre ele. Não há pedidos de desculpas. O comportamento tem impacto negativo sobre seu filho.

O autor William Voors (2000, p.5) reforça a ideia de sentimento contrastante entre o alvo e a vítima do bullying:

Deve haver sentimentos contrastantes entre a criança que pratica o bullying e seu alvo como resultado do episódio de bullying. A criança que pratica o bullying pode se sentir excitada, poderosa ou achando graça depois do episódio de bullying, enquanto que aquela que sofreu o bullying se sente amedrontada, embaraçada ou ferida. (...) As vítimas geralmente se sentem feridas e bravas quando o bully as ataca. Se tentam expressar sua mágoa ou raiva, a criança que pratica o bullying geralmente responde com indiferença ou zombaria, o que leva a mais humilhação ainda. (tradução nossa) <sup>2</sup>

Portanto, percebemos que o bullying possui várias definições explícitas, porém a mais grave e cruel é a capacidade de causar danos psíquicos na vida de um sujeito. O autor Alan Beane (2010, p.18) ressalta que “O termo bullying descreve uma ampla variedade de comportamentos que podem ter impacto sobre a propriedade, o corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o status social de uma pessoa.” A psicóloga Diva de Mauro (2010, p.5) enfatiza os danos que essa violência institucional pode causar:

---

<sup>2</sup> O texto em lingual estrangeira é: “There should be contrasting feelings between the child who does the bullying and its target as a result of bullying episode. The child who does bullying may feel excited, powerful or amused after the episode of bullying, while one who suffered bullying feels frightened, embarrassed or hurt. (...) The victims usually feel hurt and angry when the bully strikes. If you try to express your hurt or anger, the child who does the bullying usually responds with indifference or derision, which leads to even more humiliation.”

No que tange o âmbito psicológico, as consequências são também extremamente graves por “marcarem” estas experiências no mais íntimo ser da criança, a sua alma. A criança vitimizada terá comprometida sua auto-estima, as sensações de medo, angústia, ansiedade, insegurança e raiva reprimida a engessa emocionalmente, criando fantasias assustadoras e variando nas reações sempre negativas para si, e por vezes, para os outros, por poder ter reações de irritabilidade extrema em casa. Possivelmente, um vitimizado de bullying sentirá, em sua vida adulta, reflexos dessas agressões em momentos de enfrentamento, de superação de obstáculos, podendo desenvolver problemas psicológicos como transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social (TAS), transtorno de ansiedade generalizada (TAG), depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo compulsivo (TOC), transtorno do estresse pós-traumático (TEPT), sintomas psicossomáticos, e em casos menos frequentes, mas não com isenção, a esquizofrenia, o suicídio e o homicídio.

Percebemos que o bullying é sério e não deve ser tratado como brincadeira. Brincadeira deixa de ser brincadeira quando ferimos e machucamos o outro.

Dessa forma, podemos entender que o bullying é um termo utilizado mundialmente para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por

um indivíduo ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. O fenômeno bullying está presente em todas as classes sociais, culturas e escolas, em maior e/ou menor grau. É preciso diferenciar o bullying de uma agressão ocasional, atuando na especificidade de cada caso. Enquanto a criança ou adolescente que pratica o bullying pode ter um sentimento de poder, o alvo e/ou vítima pode se sentir muito ferido a ponto de gerar danos psicológicos graves na sua psique.

## 1.2 Formas de bullying

O Bullying pode ser distinguido em três situações: bullying físico, bullying verbal, bullying social e relacional. Com o avanço da internet, uma nova forma de praticar bullying surgiu, denominada cyberbullying.

O mais fácil de ser percebido é o bullying físico. Para Beane (2010, pp. 19-20), este ocorre quando incluem:

Bater, dar tapas, cotoveladas e empurrões com os ombros. Empurrar, forçar com o corpo, colocar o pé na frente. Chutar. Tomar, roubar, danificar ou desfigurar pertences. Restringir. Beliscar. Enfiar a cabeça da outra criança no vaso sanitário. Enfiar outra criança no armário. Atacar com comida, cuspe, e assim por diante. Ameaças e linguagem corporal intimidadora.

O bullying verbal acontece quando ocorre um ou mais desses exemplos de comportamentos: “Apelidos ofensivos. Comentários insultuosos e humilhantes. Provocação repetida. Comentários racistas e assédio. Ameaças e intimidação. Cochichar sobre as crianças pelas costas.” (BEANE, 2010, p.21)

O termo agressão relacional foi cunhado por Nicki Cricki, da Universidade de Minnesota (EUA), para descrever o uso das relações para humilhar os outros. No bullying social e relacional, Beane (2010, p.22) observa as seguintes situações:

Destruir e manipular relacionamentos (por exemplo, jogando melhores amigos um contra o outro. Destruir reputações (focar, espalhar rumores maliciosos e cruéis e mentir sobre outras crianças). Excluir o indivíduo de um grupo (rejeição social, isolamento). Constrangimento e humilhação. Linguagem corporal negativa, gestos ameaçadores. Pichação ou bilhetes com mensagens ofensivas. Cyberbullying (feito em páginas na web, e-mail, mensagens de texto e assim por diante).

Na atualidade, observamos cotidianamente casos de violência escolar que muitas das vezes passam despercebidos, todavia há de se analisar que poderá ser marcante na vida de um aluno. Quem nunca foi “zoadado”, apelidado, testemunhou casos de violência ou até mesmo a praticou? Essa violência “é um fenômeno mundial tão antigo quanto à própria escola” (FANTE, 2005, p. 44) e hoje ganha proporções fora da escola, tal como na prática do cyberbullying, por exemplo. A autora Gabriela Cabral (2008), assim o define:

O cyberbullying é um tipo de bullying melhorado. É a prática realizada através da internet que busca humilhar e ridicularizar os alunos, pessoas desconhecidas e também professores perante a sociedade virtual. Apesar de ser praticado de forma virtual, o cyberbullying tem preocupado pais e professores, pois através da internet os insultos se multiplicam rapidamente e ainda contribuem para contaminar outras pessoas que conhecem a vítima. Os meios virtuais utilizados para disseminar difamações e calúnias são as comunidades, e-mails, torpedos, blogs e fotologs. Além de discriminar as pessoas, os autores são incapazes de se identificar, pois não são responsáveis o bastante para assumirem aquilo que fazem. É importante dizer que mesmo anônimos, os responsáveis pela calúnia sempre são descobertos

Observamos que o bullying pode agir de várias maneiras, pelo meio físico através do bullying físico, verbal, social e/ou relacional e uma forma mais recente que é a prática do cyberbullying, agindo fora dos muros da escola e ganhando proporções imensas, difíceis de serem controladas.

### **1.3 Papéis desempenhados pelos alunos no bullying escolar**

A autora Cleo Fante (2005) define cinco papéis principais desempenhados pelos alunos(as): vítima típica, vítima provocadora, vítima agressora, agressor e espectador.

As vítimas típicas, em geral, não reagem as provocações e não pedem auxílio a classe docente, aos colegas e nem aos pais.

Suas características mais comuns são: aspecto mais frágil que o de seus companheiros; medo de que lhe causem danos ou de ser fisicamente ineficaz nos esportes e nas brigas, sobretudo, no caso dos meninos; coordenação motora deficiente, especialmente entre os meninos; extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixo auto-estima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. (FANTE, 2005, p.72)

A vítima provocadora costuma atrair e provocar situações de agressividade. Geralmente reage as provocações, porém de maneira ineficaz: “[...] vítimas provocadoras são descritas como irritáveis, agitadas e hostis. Apresentam dificuldade no controle de suas emoções e de seu comportamento, reagem com brigas e demonstração excessiva de cólera.” (ASSIS et al, 2010, p.102)

Fante (2005) destaca ainda: “Pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora; é, de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.” (FANTE, 2005, p. 72)

A vítima agressora de maneira geral costuma reproduzir a agressão sofrida para outro aluno considerado “inferior”, na tentativa da transferência dos maus tratos recebidos. “Essa tendência tem sido evidenciada entre as vítimas, fazendo com que o *bullying* se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas.” (FANTE, 2005, p.72, grifos da autora). “São tipicamente mais fracas que os valentões da escola, mas são mais fortes do que aquelas que os subjagam.” (BEANE, 2010, p.25). Ou seja, a vítima agressora sofre bullying e reproduz a violência sofrida para os alunos considerados mais “fracos” por ela.

O agressor é aquele que pratica o bullying exercendo uma relação de poder sobre a vítima. De acordo com Dan Olweus (1978) há três tipos diferentes de bullies<sup>1</sup>, o bully vítima, o bully agressivo e o bully passivo.

O bully vítima assemelha-se com a vítima agressora descrito acima. De acordo com Olweus (1993), foi realizada uma pesquisa com alunos escandinavos e verificou-se que os alunos intimidados e agressores (bully vítima), foram encontrados nas mediações de bullying no percentual de 5 a 10%.

Já o bully agressivo, de acordo com Carvalhosa (2002): “(...) é aquele que frequentemente implica com os outros, ou que lhes bate, ou que os arrelia ou que lhes faz outras coisas desagradáveis sem uma boa razão.” Cleo Fante (2005, p. 73) complementa:

O agressor, de ambos os sexos, costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente, é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar conflitos (...). Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e

subjulgar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe.

Os autores Cheryl E.Sanders e Gary D. Phye (2004, p.6) consideram que:

(...) o bully agressivo era ativo, impulsivo, assertivo, forte, e se irritava facilmente. O bully agressivo assume a liderança no início da agressão e, muitas vezes busca outros agressores para seguir suas instruções. Estes bullies são hábeis em evitar a culpa e não sentem remorso ou empatia por suas vítimas. (traduções minhas)

Alan Beane (2010, p. 25), em seus estudos cita o quarto grupo de bullies, “os naturais”: “Eles parecem ser indivíduos saudáveis que gostam da escola. Usam o bullying para conquistar o domínio. Os bullies naturais parecem simplesmente gostar de intimidar os outros.”

O bullying pode agir de maneira sutil e/ou implícita. No caso dos bullies naturais percebemos a árdua tarefa de identificá-los, pois são indivíduos que geralmente apresentam bom comportamento e boas notas.

---

<sup>3</sup> Este termo refere-se aos agressores. Palavra de origem inglesa.

Espectador ou testemunha é aquele que presencia atos de violência institucional, porém não reage de maneira eficaz, muita das vezes por medo de ser a próxima vítima. Na visão do autor Lopes Neto (2005, p. 167):

A maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de bullying e geralmente se cala por medo de ser a "próxima vítima", por não saberem como agir e por descreverem nas atitudes da escola. Esse clima de silêncio pode ser interpretado pelos autores como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos, transmitindo uma falsa tranquilidade aos adultos.

Lopes Neto (2005) enfatiza que a grande maioria das testemunhas sente simpatia pelos agressores. Isso proporciona fortalecimento social para os agressores, mantendo o ciclo vicioso da “lei do silêncio”. Muitos preferem não ser o “dedo duro” da classe e na grande maioria das vezes recebem reconhecimento perante aos demais por “acobertar” casos de violência.



Portanto, notamos que existem vários papéis desempenhados no bullying escolar. É preciso olhar atentamente para os nossos alunos em prol de um trabalho mais consciente e eficaz. Todos os envolvidos são significativos para que essa violência institucional aconteça. Cada aluno possui a sua especificidade, e se faz importante observá-los com atenção, cotidianamente, para atuarmos com micro-ações que busquem um ambiente mais acolhedor e respeitoso na escola.

## **CAPÍTULO 2. O FENÔMENO BULLYING PERANTE AS LEIS BRASILEIRAS**

Em nossa sociedade, segundo Lopes Neto (2005, p. 165), existem:

(...) três documentos legais que formam a base de entendimento com relação ao desenvolvimento e educação de crianças e adolescentes: A Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas. Em todos esses documentos, estão previstos os direitos ao respeito e à dignidade, sendo a educação entendida como um meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para a cidadania.

De acordo com esse autor, a Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da

Organização das Nações Unidas, garantem o direito ao desenvolvimento pleno da criança e do adolescente.

No artigo 18º do Estatuto da Criança e do adolescente, observamos que é dever de todos estar atentos e zelar pela dignidade da criança e do adolescente. “Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.” (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990). Portanto, cabe também a classe docente, foco principal desta pesquisa, primar pelo bem estar social dos alunos.

Observamos no artigo 227 da Constituição Federativa do Brasil de 1988, que é:

(...) dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

Compreendemos ser obrigação do Estado, da sociedade e da família garantir todas as condições necessárias para o crescimento sadio das crianças e dos adolescentes. Destacamos, então, que o direito a dignidade, ao respeito, a liberdade, a saúde, a vida, se encontram ausentes em atos de bullying, ferindo assim a Constituição Brasileira.

A Convenção sobre os Direitos da Criança é o instrumento de direitos humanos mais aceitos na história universal: 193 países ratificaram a carta magna para crianças de todo mundo, excluindo-se apenas dois países, a Somália e os Estados Unidos. Em seu artigo 19º, afirma-se que:

1 – Os Estados Partes adotarão todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, abuso ou tratamento negligente, maus-tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto a criança estiver sob a custódia dos pais, do representante legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela. (Convenção sobre os Direitos da Criança, 20 de novembro de 1989)

Portanto, a educação é legalmente entendida como facilitadora do pleno desenvolvimento do aluno, que tem o dever de respeitar os direitos da criança, possibilitando um crescimento físico e psicológico saudável para o exercício da cidadania. Entendendo que o bullying é uma forma de violência e legalmente lesa os direitos da criança e do adolescente, não devemos nos calar e sim buscar uma ação coletiva, que envolva a escola, a sociedade e a

família, quando notarmos a ausência dos direitos: a vida, ao respeito, ao desenvolvimento, a liberdade, a dignidade e a saúde física e mental dos nossos alunos.

## **2.1 Uma reflexão sobre o papel da educação frente à violência institucional (bullying)**

O bullying é um problema social mundial, pois estudos e pesquisas demonstram que está presente no país considerado mais pobre ao mais rico. Este fenômeno não difere classe social, raça, religião, gênero e ultrapassa as barreiras da escola, como por exemplo, na prática do cyberbullying.

Nós, seres humanos, pertencentes a uma mesma espécie, independente das fronteiras físicas, das diferenças culturais, étnicas e/ou religiosas. Temos vários problemas em comum e, como foi apontado no parágrafo anterior, um deles é o bullying. Morin (2000) defende a ideia da antro-po-ética (ética do gênero humano), que propõe a humanização da humanidade, e isso implica diretamente na educação. Ele também defende um olhar complexo para a relação parte-todo da humanidade: “Assim, indivíduo/sociedade/espécie são não apenas inseparáveis, mas co-produtores um do outro.” (MORIN, 2000, p. 105). Ou seja, estamos inseridos em uma sociedade, a mesma está inserida em nossa individualidade e pertencemos a igual espécie, gerando uma relação interdependente. Portanto, somos constituintes desta cadeia coexistindo em correlação mútua. Ações comunitárias conscientes dessa ligação entre os indivíduos auxiliam no enfrentamento do desrespeito e da não compreensão do outro. Em casos de violência, percebe-se a ausência do olhar ternário da condição humana – indivíduo-sociedade-espécie e o individualismo mostra a sua face. Faz-se necessário ampliar o nosso olhar em busca da construção de um pensamento complexo, harmônico e ético. Entendemos que a educação também tem o papel de compreender e instaurar a ética planetária.

Outro conceito que julgamos necessário para esta reflexão é o de: “Ensinar a Compreensão”, discutida por Morin (2000):

A compreensão é a um só tempo meio e fim da comunicação humana. Entretanto, a educação para a compreensão está ausente do ensino. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensão mútua. Considerando a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão pede a reforma das mentalidades. Esta deve ser a obra para a educação do futuro. (MORIN, 2000, pp. 16-17)

Vivemos em uma sociedade onde não há a valorização da escuta do outro e a de si mesmo e isso reflete na escola. Compreender vai além do simples ouvir, é preciso escutar com o coração. A incompreensão fora e dentro dos muros da escola reflete a violência, como por exemplo: o bullying (foco dessa pesquisa). Como vamos compreender o outro se não nos compreendemos? Consideramos ser um dos desafios para a educação atual, o ato da compreensão. A supervalorização do agir, e “sugar” o maior número de informações possíveis, primado pela nossa escola, auxilia no distanciamento do olhar para o outro. Em atos de violência observamos a ausência desse olhar, dessa compreensão, porém: “É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão.” (MORIN, 2010, p. 51).

“Compreender significa intelectualmente apreender em conjunto, *comprehendere*, abraçar junto (o texto e seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno).” (MORIN, 2000, p. 94, grifos do autor). A compreensão atravessa o egoísmo, abraça o outro, percebe e respeita o contexto e a diversidade do outro, mas também se reconhece no diferente, pois se percebe pertencente à teia da complexidade humana. O ato da compreensão une os povos e abraça as diferenças, o egoísmo, o racismo, etc.

A fragmentação dos indivíduos envolvidos no bullying em vítimas, testemunhas e autores, racionaliza essa violência, e acabamos por colocar a culpa em quem praticou em prol da “cristalização” do ato, deixando de lado a discussão. Afinal discutir, questionar causa desordem e isso para muitos não convém. Para Morin (2000), a complexidade passa pelo tetragrama da ordem, desordem, interações e reorganizações, superando a operação mental, discursiva e lógica. Possuímos autonomias individuais, porém fazemos parte de um coletivo e devemos nos ater para esse fenômeno, o bullying, com mais questionamentos, compreendendo a complexidade do fenômeno.

Alguns autores identificaram possíveis causas para o bullying, como por exemplo, Chrispino e Chrispino (2002, p.8), em “Políticas Educacionais de Redução da Violência: Mediação do Conflito Escolar”, defendem a tese de que: “a escola tornou-se de massa e passou a abrigar alunos diferentes, com inúmeras divergências. Habitada a lidar com iguais, a escola não se preparou para essa diversidade de alunos.” Os pesquisadores acreditam que por este motivo a escola não consegue suprir casos de violência, pois a mesma está preparada para a homogeneização. Todavia notamos que devemos olhar para tal situação de uma forma mais complexa. Há vários fatores que contribuem para a violência na escola. Um dos fatores que se faz imprescindível a análise, é o posicionamento crítico de Morin (2000) ao evidenciar

que a escola fragmenta os saberes, focando na percepção de uma visão racional e fragmentada. Morin (2010) defende a ideia da complexidade, porém para ele esta concepção não é uma poção mágica para a resolução de todos os problemas da escola, é um desafio que o autor sempre se propôs a vencer.

(...) Complexus significa o que foi **tecido junto**; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. (MORIN, 2000, p.38, grifos nossos)

Os modelos escolares que valorizam a fragmentação das disciplinas podem fazer com que a aula fique desinteressante, sem conexão com a vida, podendo acarretar uma violência simbólica, violências diversas, tais como o bullying.

(...) o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (...) O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) (BOURDIEU, 2010, pp. 8-9, grifo do autor)

Uma construção de conhecimento homogêneo, retilíneo e sem a preocupação de interligar com a história de vida dos alunos, facilita a ação do poder simbólico que age sutilmente. Sem uma reflexão atenta, poderá ser naturalizado em ambiente de interação entre grupos, assim como a escola.

Morin (2010) defende uma escola que articule os saberes, integrando disciplinas especializadas (física, química, matemática, filosofia etc.), em busca da transdisciplinaridade<sup>4</sup>.

Ou seja, os educadores necessitam fomentar no aluno o conhecimento pertinente, indo na contramão da fragmentação retilínea e lógica dos conhecimentos escolares. A autora Sandra Celano (1999, p. 23) complementa:

(...) trabalhar por uma educação voltada para a consciência de que a transmissão pura e simples de informações fragmentadas não ensina ninguém a viver. Precisamos de uma escola com alma, que desperte o ser de sua inconsciência e o leve para o além do conhecimento; que o encaminhe para o contato direto com a sua realidade essencial e que consiga perceber que, entremendo todos os conceitos, há um tecido unificador, um fio único que tudo conecta, mas que só através do sentir amoroso da abertura de canais energéticos sutis e do silêncio pode ser percebido.

Sabe-se que o modelo escolar vive um momento turbulento, onde cotidianamente lidamos com atos de violência, evasão e desinteresse de muitos alunos em relação aos conteúdos e métodos utilizados nesta instituição. Notamos e presenciamos avanços e retrocessos. Como suprir os alvoroços entre e\ou fora dos muros das escolas? Morin (2010, p. 99) sugere a reforma do pensamento:

De fato, os atuais projetos de reforma giram em torno desse buraco negro que lhes é invisível. Só seria visível se as mentes fossem reformadas. E aqui chegamos a um impasse: *não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes, mas não se podem reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições.*”(grifos do autor)

Reformar o pensamento das instituições e dos educadores é um desafio a ser vencido e uma batalha cotidiana. Muralhas invisíveis dificultam a ultrapassagem do pensar e agir racional em busca da complexidade. A especialização fragmentada dos educadores atrapalha uma interação abrangente entre os diversos campos do conhecimento.

É preciso educar os educadores para que os mesmos façam mediação dos saberes, evidenciando o ato de tecer junto os “conhecimentos” que ao mesmo tempo: unem, complementam e afastam.

---

<sup>4</sup> transdisciplinaridade. Segundo Nicolescu (1999): Como o prefixo ‘trans’ indica, a transdisciplinaridade diz respeito ao que está, ao mesmo tempo, entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de todas as disciplinas. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, e um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Lidar com a contradição e com questionamentos é algo pouco trabalhado na nossa escola, assim como, com a diferença. Acreditamos na importância de um trabalho onde o professor conscientemente trabalhe a energia, movimento, tempo e espaço – e\ou, também junguianamente falando: sentimento, intuição, pensamento e sensação. Carl Gustav Jung foi o fundador da psicologia analítica, talvez por ser médico e psiquiatra não evidenciou os seus estudos no campo da educação, porém no livro “O desenvolvimento da personalidade” (1983), discutiu a importância da psicologia analítica para a educação. Jung era um estudioso, um pesquisador curioso em entender a psique humana e seu processo de desenvolvimento:

Tanto para Jung como para Morin, conhecimento e vida são dois aspectos inseparáveis do mesmo fenômeno da experiência humana como totalidade existencial. Questionando a disjunção cartesiana entre sujeito e objeto do conhecimento, os dois autores consideram que conhecer o mundo é ao mesmo tempo conhecer-se a si mesmo, porque o sujeito que conhece está no mundo e o mundo está nele. (CAMARGO, 2007 p.93)

Os dois autores (Jung e Morin) compreendem a extensão transdisciplinar do ser humano e a importância da educação no processo de desenvolvimento da criança. Jung enfatiza a importância do processo de individuação, ou seja, do encontro com o Self (totalidade psíquica). “*O processo de individuação é um processo que não tem um ponto final, porém se constitui em um movimento constante de integração e transformação*” (GASPARELLO, 2008, p. 01-02, grifos do autor). Somos seres em constante processo de individuação em busca de uma harmonia entre os nossos conteúdos conscientes e inconscientes.

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio self. Podemos pois traduzir ‘individuação’ como ‘tornar-se si mesmo’ ou ‘o realizar-se do si mesmo’. (JUNG, 1978, p.163)

O processo de individuação é uma busca em prol de nos tornarmos um ser único, singular, porém que não exclui o sujeito do mundo, mas aproxima o mundo do indivíduo. É através dele que a pessoa vai se conhecendo, retirando as suas máscaras sociais, as projeções lançadas anteriormente no mundo externo e integrando-as a si mesmo. A individuação difere o indivíduo, o torna mais livre e consciente das suas escolhas. E liberdade para Ostrower:

(...) significa *compreender*, no sentido mais lúcido e amplo que a palavra pode ter. Significa um entendimento de si, uma aceitação em si da necessidade da existência em termos limitados. A vivência desse entendimento é a mais plena e a mais profunda interiorização a que o indivíduo pode chegar. Ser livre é ocupar o seu espaço de vida. (OSTROWER, 1987, p. 165, grifos da autora)

Por exemplo, um professor mais consciente das suas qualidades estará mais preparado para utilizá-las em prol de mediar os saberes dos seus alunos, e, ao conhecer as suas sombras, ou seja, as suas dificuldades, o docente poderá propiciar o fortalecimento de áreas até então não trabalhadas/ exploradas.

Para Celano (1999, p.13) “A educação só é libertadora e capaz de propiciar o surgimento de indivíduos despertos e sensíveis, se for orientada por pessoas que vivenciem a

si mesmas um processo de libertação e de autodescobrimento.” Desta forma, um professor (a) mais comprometido com o processo de individuação, poderá estar mais preparado para despertar o prazer e fascínio pelo conhecimento nos alunos.

Para Jung (1986, p. 133), o professor serve de exemplo, e, até sem perceber, a criança “imita-o”. “Esta espécie de educação ocorre espontaneamente e de modo inconsciente; por isso é também a forma mais antiga e talvez a mais eficaz de toda e qualquer educação.” Os autores Sandra Celano e Ivan Amaral (2008, p.189) complementam: “Você deverá ser o primeiro a se colocar no estado que deseja que os outros atinjam. Tudo o que você sugerir já deverá estar vibrando em você.” Quem já mediou uma classe em algum momento, deve ter percebido que justamente no dia em que você estava mais agitado, a turma correspondeu a sua agitação. Ou seja, se queremos o “bem” devemos irradiar alegria e pensamentos positivos. Ou então, no dia de maior tristeza a classe percebe e demonstra preocupação. Talvez este processo possa ficar mais evidente para professores da educação infantil, devido à sensibilidade aguçada nas crianças, pois os adultos, muitas vezes, parecem estar mais fechados nas suas próprias questões e problemas. Já passei por essa experiência e após reflexões pude constatar o quão presente é a função sentimento na primeira infância, a qual é bastante influenciada pelo meio, tal como enfatiza Jung (1981, p. 44): “A criança tem uma psique extremamente influenciável e dependente, que se movimenta por completo no âmbito nebuloso da psique dos pais, do qual só relativamente tarde consegue libertar-se.” E é a escola, na concepção deste autor, a principal responsável pelo processo de “desligamento” da criança com os pais. Ou seja, o papel da escola vai além do simples “ensinar”.

Percebemos que a instituição escolar evidencia o pensamento, não aproveitando do aluno o seu corpo, a sua intuição e o seu sentimento. “Na nossa escola, hoje, ainda é hegemônica a valorização do desenvolvimento da função pensamento, resultado de uma tradição cultural e histórica do Iluminismo europeu.” (GASPARELLO, 2006, s/p). Von Franz e Hillman, 1990 (apud SAIANI, 2003) ampliam a discussão: “Em seu estudo sobre a função sentimento, James Hillman avalia que a escolarização tende a desenvolver as funções do pensamento e da sensação, embora os testes de inteligência, com sua ênfase na rapidez e na adivinhação, favoreçam a intuição.” Na nossa compreensão, no entanto, a escola deve integrar as quatro funções da consciência (pensamento, sentimento, sensação e intuição) em prol do



desenvolvimento complexo do aluno e do próprio corpo docente, pois o mesmo também está em processo de transformação.

A partir das reflexões dos autores supracitados, notamos o quão é importante o papel da escola no processo de desenvolvimento do aluno. Porém, é um desafio constante a arte de educar, Gikovate (2002), evidencia a pouca valorização social dada ao professor e ao idealismo de muitos, ao travarem barreiras diárias em busca do gosto de sentir-se útil na comunidade em que vive. Ser professor é uma tarefa árdua e exige acima de tudo amor e dedicação.

### **CAPÍTULO 3. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DIRIGIDOS AOS PROFESSORES (AS)**

Uma das metodologias utilizadas nessa pesquisa foi o recolhimento de dados através de questionários semi-estruturados, distribuídos para professores da rede pública e particular, dos municípios de São Gonçalo (RJ), Niterói (RJ) e Santo André (SP). No total, 31 questionários foram respondidos e encontram-se em anexo, como já foi indicado na Introdução deste trabalho. Na tentativa de maiores reflexões acerca do tema, investigamos a formação dos professores, o grau de ensino em que lecionam, o seu conhecimento perante o bullying, a sua experiência de vida (JOSSO, 2004; 2008) relacionada ao fenômeno bullying, e

ainda qual o papel do docente e o da escola em casos de violência escolar na opinião dos professores. Os questionários foram transcritos respeitando-se integralmente a escrita dos entrevistados.

Apresentamos agora alguns dados obtidos em nossas entrevistas:

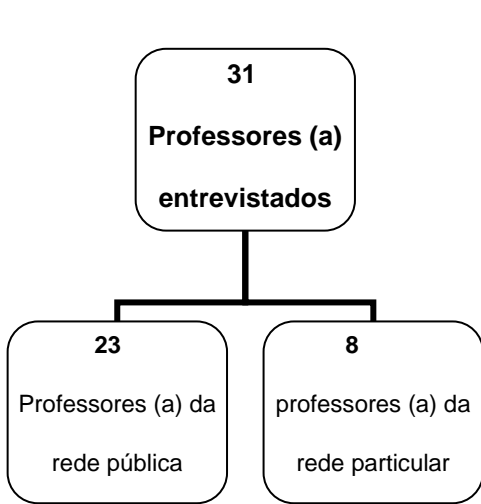


Figura 1. Professores entrevistados

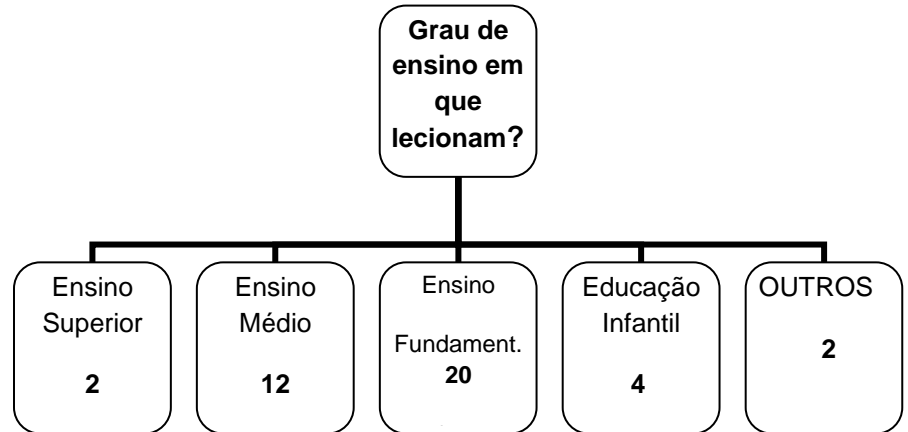


Figura 3. Grau de ensino em que lecionam

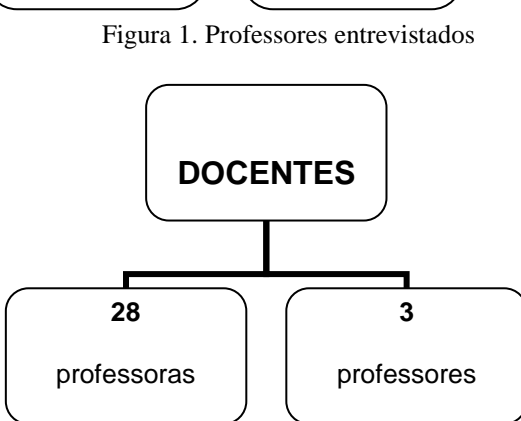


Figura 2. Número de docentes

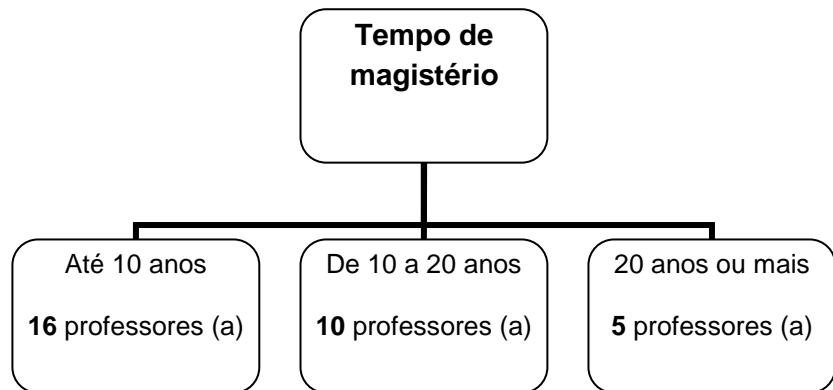


Figura 4. Tempo de magistério

Como podemos perceber, a grande maioria dos entrevistados são professoras que trabalham na rede pública de ensino, no Ensino Fundamental e possuem menos de dez anos na docência. Faz-se importante considerar **oito** professores trabalham em mais de um seguimento. Notamos nos questionários que independente do grau de ensino em que o professor (a) atua, foi dito que o bullying se faz presente.

(...) Muitos/as alunos, cotistas, falam do tratamento depreciativo que recebem, dos olhares que os desqualificam, por parte de colegas que não concordam com tal ação afirmativa. (Professora do Ensino Superior)

(...) O que observei é que alguns parecem não ter mais nome, são chamados por apelidos que muitas vezes tem a ver com seu tipo físico. Nesta escola tem um aluno do ensino médio, que possui baixa estatura, seu apelido é Stuart little, este aluno parece não se importar muito com o apelido dado pelos colegas pois nunca vi nenhum tipo de discussão em relação a isso, talvez esteja acostumado com tal nome. Se acostumar acaba sendo , talvez, a forma que muitos arrumam para lidar com essa situação. (Professora do Ensino Fundamental e Médio)

Como disse antes trabalho com o Ensino Médio e nesta fase o mais freqüente é o psicológico. “Isolar uma pessoa” deixá-la sem grupo. (Professora do Ensino Médio)

As situações são as mais diversas: dificuldade de aceitar e interagir em grupo com as diferenças de cor, raça, religião, deficiência. (Professora da Ed. Infantil, Ensino Fundamental e Médio)

**Treze** professores relataram o preconceito racial, religioso e a homoafetividade como sendo os principais alvos do bullying. **Dezesseis** professores ressaltaram a questão da aparência física, da dificuldade de aprendizado, ou ainda se é considerado bom aluno (“cdf”), como pode-se observar abaixo, quando perguntamos quais as situações de violência institucional são mais freqüentes na instituição em que atuam e/ou na sala de aula:

Ocorre com mais frequência o bullying com os alunos mais calados, os mais gordinhos e os considerados "cdfs"... (Professor do Ensino Fundamental e Médio)

Agressões verbais, como chamar o outro de gordo, macaco entre outros. (Professora do Ensino Fundamental)

Em relação a cor, ou seja questão racial e peso. (Professora do Ensino Fundamental)

Alunos que perturbam e humilham os outros porque eles são mais gordos, mais altos ou mais lentos para aprenderem algum assunto. (Professora do Ensino Fundamental e Médio)

Apenas **duas** professoras, uma que leciona em turmas de Educação de Jovens e Adultos, e outra que trabalha com uma turma para alunos especiais, relataram não ter percebido a presença do bullying:

Dentro de minha visão de bullying ainda não presenciei nenhuma ação. (Professora da EJA)

O bullying dentro da instituição em que eu trabalho não consigo enxergar. Porém, sei que fora da instituição elas são vítimas disso devido as suas limitações físicas e cognitivas que chamam muito mais a atenção por serem pessoas com necessidades especiais. (Professora de uma classe especial)

Chama a atenção o fato dessas professoras dizerem não ter percebido o bullying e serem as únicas que não estejam atuando em turmas “comuns”, classes nas quais a maioria dos alunos não frequentam. Entre alunos de uma classe especial talvez seja mais raro a presença do bullying, devido aos próprios alunos já serem percebidos como diferentes fora da turma, como a própria docente sugere. Dessa forma, na turma, pode ser que exista uma proteção e um respeito maior entre os mesmos. Em relação à classe de EJA, também pode acontecer de serem alunos mais idosos e/ou experientes, que não estão mais interessados em praticar atos de bullying, mas sim em, de fato, aprender na escola. Porém, estas são apenas hipóteses de análise, na medida em que mereceriam um estudo mais aprofundado.

Constatamos, ainda, através da grande maioria dos entrevistados, que o bullying é percebido e presenciado pelos professores, afirmando reconhecerem quando a situação ultrapassa o conflito normal.

Embora não tenha tradução para o português, entendo como uma prática ofensiva e discriminatória a partir de uma determinada “diferença” (em relação ao considerado padrão/ “normal”, hegemônicamente determinado) que o sujeito/transformado em vítima da ação possa apresentar. (Professora do Ensino Superior)

O bullying é uma forma de violência repetitiva que pode ser verbal, psicológica, física e tem o intuito de ferir quem recebe, deixando de ser uma simples brincadeira. (Professora do Ensino Fundamental)

Essa palavra esteja relacionada a falta de respeito com os colegas de escola, assim os alunos utilizam-se de agressões verbais e físicas para humilhar seus colegas. (Professora do Ensino Fundamental- 2º ano)

Práticas verbais ou físicas destinadas a perseguir um determinado aluno, com certa frequência. (Professora do Ensino Médio)

Observamos na fala dos professores que eles distinguem a diferença entre uma brincadeira e o bullying. Todavia notamos que muitos docentes não enfatizaram que para ser caracterizado como bullying precisa ser “rotineiro”. Essa violência institucional é um ato repetitivo, destinado a perseguir um determinado aluno e é frequente.

Além disso, a maioria dos entrevistados caracterizou que o ato de bullying acontece em alunos que são considerados fora do “padrão”, o que é bastante apropriado. Porém, segundo a literatura sobre o tema, sabe-se que o bullying pode atingir também alunos analisados como bonitos e simpáticos, tal como no caso descrito por Beane (2010, pp.23-24):

Minha filha, Brook, é aluna nova em uma escola pequena de ensino médio. Ela é muito bonita e simpática. Na verdade, não acredito que ela jamais tenha conhecido alguém que a repelisse. Brook parece atrair as pessoas para si. É claro, os rapazes dessa nova escola ficaram muito interessados nela, inclusive um em especial que tem uma namorada, mas sempre dá um jeito de se aproximar e conversar com Brook. Evidentemente, a namorada dele ficou com ciúmes e agora chama a minha filha de prostituta e espalha rumores de que ela teve uma série de colapsos nervosos. À noite, escuto minha filha chorando em sua cama. Meu coração dói. Não sei o que fazer. Ela não me deixa telefonar para os pais da garota e não quer que eu fale com a direção da escola sobre isso.

Nesse caso, percebemos como o bullying social e/ou relacional pode atuar. A aluna é considerada simpática e bonita e por atrair atenção de um rapaz que possui namorada, acaba sofrendo um isolamento social.

Outro dado interessante da pesquisa analisado, foi como os professores perceberam o fenômeno bullying e em que situação isso ocorreu. Notamos que **cinco** docentes com até 10 anos de formação, tiveram informação sobre o fenômeno bullying através de palestras e/ou aulas na faculdade. Ao passo que, **dez** professores com mais de 10 anos de formação, tiveram contato com a palavra bullying através da mídia.

Através da vinculação de informações na mídia, passei a me atentar mais a essa questão, entretanto, essa questão da falta de respeito entre os alunos já ser observada na época em que eu estudava, agora se tem um nome para designar essa questão. (Professora com mais de 30 anos de docência)

Passei a compreender melhor este fenomeno depois das discussões feitas na universidade. (Professora com menos de um ano de docência)

Notamos a presença fundamental da mídia para a divulgação desse problema, porém infelizmente o bullying geralmente não é tratado por ela com a devida importância e acaba sendo rotulada em alguns casos de violência institucional.

Acredito que a imprensa tem que ser mais responsável com o que noticia. Não dá para generalizar e dizer que tudo é bullying, como tem acontecido. Por exemplo, ser ignorado é um tipo de agressão, mas não configuraria essa violência. Mas, infelizmente, hoje generalizam tudo, porque o assunto está na moda. (Maria Isabel

Leme, psicóloga especialista em Psicologia escolar em entrevista dada ao Colégio Terceiro Milênio/2011)

Casos de violência escolar devem ser tratados de acordo com a especificidade do caso, para não correr o risco de ser rotulado e/ou generalizado. Cada caso diferencia-se do outro, devido ao seu contexto social.

A grande maioria dos professores pesquisados escreveu que ao perceberem o bullying escolar, procuram intervir e buscar uma solução do problema junto à turma.

Busco fazer reflexões acerca da questão, colocando que podemos ser vítima, testemunha ou agressor, assim ao inverter os papéis eles percebem que necessitam ter um comportamento ético diante da humanidade na qual está inserido. (Professora do Ensino Fundamental)

Normalmente, procuro conversar com a turma. Descobrir o que motivou a situação, a briga, o desentendimento. Paralelo a isso, desmistifico o bullying, porque tem muita gente se aproveitando dele para justificar suas atitudes. É normal ouvir alguns alunos dizendo: “Professora, isso é bullying!” quando chamo atenção por conta da conversa paralela. (Professora do Ensino Fundamental)

Ao identificar a questão do bullying utilizo aquilo dentro do meu trabalho com eles faço com que eles vejam que dentro daquela instituição, ao redor deles, têm amigos de verdade que gostam de estar com eles que ajudam uns aos outros. (Professora de uma Classe Especial)

Podemos observar que os entrevistados dizem que buscam intervir quando presenciam cenas que se configuram como bullying. Faz-se importante refletir sobre o problema e procurar uma ação conjunta entre escola, sociedade e família. É imprescindível a atuação de uma equipe interdisciplinar dentro da escola, como psicólogos, pedagogos, etc. em prol de um olhar mais complexo perante casos de bullying.

Todos os professores entrevistados relataram ter participado de atos de bullying, como vítima, testemunha ou agressor. No papel de vítimas, **06** docentes; no papel de testemunha, **08** professores; no papel de vítima e testemunha, **07** docentes; no papel de agressor e vítima, **03** professores; nos três papéis, **02** docentes; e os outros **05** professores, não especificaram o seu tipo de participação. É importante ressaltar que *nenhum* professor (a) declarou ter sido apenas agressor. E então nos perguntamos: será que ninguém, de fato, é apenas agressor em casos de bullying? Age de forma violenta porque sofreu também? Ou será que é difícil admitir ter sido apenas agressor? E será que é por essa mesma razão que a grande maioria se percebeu com vítima e/ou testemunha?

Verificamos que **26** professores demonstraram não conhecer o problema a partir de literatura científica, cursos, etc., porém, **11** provaram conhecer o bullying através da sua história e/ou experiência de vida. Afinal, todo professor já foi aluno e em algum momento da sua vida percebeu/notou, cenas repetidas de violência no ambiente escolar. Podemos observar essa questão quando perguntamos nos questionários quando os professores perceberam o bullying escolar e se na história de vida existiam vivências perante esta violência institucional. Segue alguns exemplos abaixo:

Quando ainda não tinha a menor noção do que se tratava, mas vi uma professora tomando uma banana da mão de um menino da turma, um menino negro que comia a merenda antes da hora do recreio (estávamos na 3ª série) e, puxando sua orelha, em frente a toda a turma, levou-o até a lixeira para que jogasse fora. (Professora do Ensino Superior)

Quando a mídia começou a expor e a se aproveitar do tema para alavancar a audiência e pelo discurso irritante e politicamente correto que banaliza situações graves e coloca em evidência situações cotidianas simples como bizarras e violentas. (...) Como vítima: fui muito humilhada por ser gordinha na minha adolescência, principalmente por professoras e mães de alunos, de forma contínua, sem descanso mesmo! Professoras que tentaram me tirar do concurso de A Mais Bela Estudante da escola, só por que eu era fofa!rsrs Também já recebi represálias e ameaças por não concordar com a tirania de alguns. Duas situações bem severas, talvez seja bullying mesmo, pelo menos na intenção dos agressores, mas, a forma como lidei com essas situações fez toda a diferença no final! (Professora da EJA)

Na verdade, comecei a dar atenção ao bullying com as reportagens na televisão. As brincadeiras, implicâncias e afins sempre existiram, mas nunca tiveram esse nome. (...) Como professora (testemunha). Sempre fui gordinha e quando nova meus colegas me chamavam de baleia. Ficava chateada, mas nunca a ponto de tentar matar alguém. O problema é que a mídia, o ECA deu muita liberdade para as crianças / adolescentes / jovens. Os pais não podem fazer uma série de coisas porque os próprios filhos dizem que vão ao conselho tutelar. Se você tocar no aluno (fazer um carinho, pergunta se está tudo bem, ou qualquer outra coisa do gênero), ele logo fala: “Professora, não pode pegar em mim. Vou denunciá-la”. As coisas estão muito complicadas. As coisas se perderam pelo caminho. (Professora do Ensino Fundamental e Médio)

Percebemos mais uma vez, na fala dos entrevistados, a importância da mídia ao expor noções e conceitos referentes ao bullying. Mesmo sem termos realizado uma pesquisa aprofundada sobre as reportagens que abordam o tema “bullying”, notamos que existe pouco esclarecimento de como essa violência age no âmbito escolar, formas de detectá-la e como trabalhar em prol de uma educação voltada para a paz e ao respeito ao próximo. Contudo, a mídia foi e é importante para chamar a atenção sobre este fenômeno. No entanto, talvez seja

necessário uma maior discussão no ambiente escolar sobre o bullying e as suas formas de combatê-la, nas quais os docentes se sintam parte deste processo.

Observamos que trabalhar com a história de vida dos professores se faz importante porque poderá contribuir para o combate ao bullying na sala de aula, pois um professor que foi vítima do bullying na sua infância e/ou adolescência, poderá atentar-se para um aluno que está sendo alvo dessa violência. Ou seja, quando passamos por situações de violência nos papéis de vítima, testemunha ou agressor, podemos olhar mais sensivelmente para um aluno que está passando pela mesma situação.

Outra questão relevante relatada pelos docentes é a importância do papel da escola e do professor em casos de bullying.

O papel da escola como também do professor em sala de aula é estar atento para as situações em que se configurem o bullying, não minimizando a questão, mas relativizando e levando a escola a refletir sobre esse fenômeno. (Professora do Ensino Fundamental)

O professor e a escola não podem ser omissos e fingir que não sabem o que está acontecendo. (Professora do Ensino Fundamental e Médio)

A escola e o professor tem como função discutir os temas que estão sendo usados pelos alunos como forma de agressão, esclarecer questões relacionadas a igualdade de classes, direitos e etnias. Promover discussões que possam desconstruir olhares preconceituosos à respeito de tudo aquilo que lhe é diferente. (Professora do Ensino Fundamental)

Constatamos a partir da análise dos questionários, que o fenômeno bullying se faz presente em todos os graus de ensino, em maior ou menor grau. O preconceito racial, religioso, a aparência física e a homoafetividade são considerados pelos professores (as) os maiores alvos do bullying.

A maioria dos docentes demonstrou entendimento entre a diferença de um conflito normal e o bullying escolar. A grande parte dos professores (as) com até 10 anos de atuação em sala de aula, tiveram conhecimento do bullying através de cursos, palestras, etc. Em contrapartida, os docentes com mais de dez anos de docência, se informaram sobre o bullying principalmente através da mídia.

A grande parte dos professores entrevistados afirmou que intervém quando presenciam o bullying e sabem da importância da escola e do professor na construção de um ambiente



mais acolhedor e respeitoso. Todos os professores entrevistados, por mais que não tenham vivenciado palestras, cursos e/ou oficinas referente ao bullying, relataram que passaram por essa violência na sua história de vida.

Faz-se importante ressaltar que nenhum professor (a) declarou ter atuado apenas como agressor. Acreditamos que todos os papéis (vítima, testemunha, agressor) são importantes para que o bullying aconteça, porém percebemos que na maioria das vezes culpamos o agressor, cristalizando essa violência institucional, e talvez por isso ninguém tenha se declarado como agressor.

#### **CAPÍTULO 4. GRUPO DE DISCUSSÃO REALIZADO COM PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Participo como bolsista de extensão de um projeto chamado: Subjetividade e Trans/formação do adulto no ambiente educativo: trabalhando com histórias de vida e processos de individuação, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vânia Medeiros Gasparello, desde fevereiro de 2011. O projeto é realizado por meio de Cursos/Oficinas para professores e funcionários na própria instituição em que atuam. A partir de setembro de 2011, o curso/oficina vem sendo realizado no Colégio Municipal Mário Quintana, localizado no Engenho Pequeno, bairro do município de São Gonçalo (RJ). São encontros quinzenais, de 2h/aula, onde buscamos favorecer a compreensão de que o sujeito adulto está em constante processo de desenvolvimento e transformação, através do conhecimento da psicologia analítica e das suas relações com as histórias de vida dos participantes. A metodologia adotada inclui vivências (BYINTON, 2004), que procuram integrar as quatro funções da consciência (JUNG, 1991): sensação (corpo), pensamento, sentimento e intuição; e a abordagem autobiográfica (JOSSO, 2004; 2006; 2008).

O tema bullying é uma das questões abordadas no projeto. No dia onze de novembro de dois mil e onze, realizamos o quarto encontro do projeto, de um total de quinze, no Colégio Mário Quintana, com 14 professoras da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Escolhemos trabalhar também a metodologia do grupo de discussão em prol da coleta coletiva dos dados, baseados na experiência de vida dos participantes em relação ao bullying e da mínima intervenção possível, buscando fomentar discussões. Os grupos de discussão (WELLER, 2011) são um tipo de pesquisa qualitativa que evita perguntas do tipo “o que” ou “por quê”, buscando fomentar discussões voltadas para o “como”, levando à reflexões e narração de determinadas experiências e não somente a descrição dos fatos. As discussões permitem que as pessoas mostrem seus pontos de vista e suas atitudes com maior profundidade. Permite descobrir como as pessoas se sentem sobre um conceito, idéia ou organização. Os grupos de discussão são mais do que entrevistas de perguntas diretas. Há uma interação entre os participantes, o que permite que eles desenvolvam novas idéias e pensamentos a partir da fala das demais pessoas do grupo. A coleta de dados através da opinião do grupo atinge um caráter que vai além da soma das análises individuais.

No entanto, em consonância com a metodologia e objetivos do projeto “Subjetividade e Trans/formação do adulto no ambiente educativo: trabalhando com histórias de vida e processos de individuação”, iniciamos a oficina com uma música suave em prol de trabalharmos o corpo (função sensação), relaxamos os movimentos do corpo, alongando-o e fizemos uma massagem coletiva. A função da consciência sensação (JUNG, 1991) é percebida como a função dos sentidos, a função do real, a função que traz as informações (percepções) do mundo através dos órgãos dos sentidos. Essa função encontra-se quase ausente na educação escolar. Portanto, para a visão de ser humano da psicologia analítica e da complexidade, precisamos expressar o nosso corpo e nos tornamos mais conscientes dos seus movimentos. Outras funções também são trabalhadas no momento do relaxamento e/ou da brincadeira com o corpo, como por exemplo, a função sentimento. O sentimento, para Jung (1991), significa alguma coisa diferente de afeto ou emoção: é uma consideração do valor de algo ou ter um ponto de vista ou perspectiva sobre algo. O sentimento se exprime através de percepções acerca do valor das coisas. Dessa forma, quando estamos com o corpo e a mente mais relaxados e felizes, somos capazes de perceber com mais intensidade o que realmente tem valor para nós, de sentir o queremos e o que faz sentido para a nossa vida.

Após esse momento de consciência corporal, trabalhamos com a “criança interior” do professor (a). Porque segundo a nossa abordagem teórica-metodológica, favorecer o conhecimento da criança que está internalizada no docente, pode contribuir para que o mesmo possa ter uma boa relação com os seus/suas alunos/as e com a sua própria vontade de aprender. Como enfatiza Saiani (2002, p.117), quando

a criança do professor não se comunica com a criança do aluno, e temos o professor sem capacidade de empatia quanto às dúvidas e incertezas do aluno, um professor talvez demasiado austero, incapaz de brincar, mais preocupado em ser o detentor de conhecimento que deve ser outorgado aos alunos, um verdadeiro “dono da verdade”. É muito provável que esse professor tenha perdido o contato com a sua criança interior (...).

Além disso, pode-se “associar o ‘pólo-criança’ do professor à emergência do novo” (SAIANI, 2002, p. 130), da criatividade, da vontade de aprender novos conhecimentos e experimentar novas metodologias de ensino. Dessa forma, procuramos preparar o grupo de professoras para ter coragem de realizar a dramatização sobre o bullying e ficarem a vontade para expressar seus sentimentos e percepções em relação à temática.

Esse tipo de abordagem procura valorizar a complexidade do conhecimento e o processo de individuação do ser humano, que para a psicologia analítica, é um movimento de crescimento psíquico sem fim. Contudo, é um processo que precisa estar cada vez mais consciente de suas imagens arquetípicas (modelos e atitudes internalizadas), seja do período da infância, do tipo de educação que recebeu, das experiências marcantes na escola, etc.

Em prol de trabalharmos a nossa criança interior e a das professoras, realizamos uma dança circular do Antonio Nóbrega, chamada “Abra a roda tin dô lê lê”. Esse momento foi muito divertido e prazeroso. A cada encontro realizado no curso/oficina, percebemos a integração que as participantes vêm adquirindo.

Após esse momento de descontração e de trabalho com a criança interior, de maior relaxamento e ligação com a nossa criança interna, trabalhamos com histórias de vida e as percepções das professoras perante o bullying. Dessa forma, destacamos que logo no primeiro momento em que dissemos que o tema do encontro seria bullying, muitas professoras já começaram a expressar o que pensavam sobre este fenômeno. Podemos interpretar essa rápida vontade de participar da discussão, tanto como o fato de se sentirem mais à vontade nas oficinas, pois já era o quarto encontro, como também considerar que essa temática está muito presente hoje na teoria e/ou na prática cotidiana escolar e na mídia, fazendo com que o docente sinta necessidade de se pronunciar a respeito. Inclusive como já foi apontado, há poucos estudos que abordem especificamente o ponto de vista dos professores em relação a este tema.

No entanto, a nossa proposta de discussão do bullying com este grupo se articula às metodologias utilizadas no projeto de extensão, como foi apontado acima.

Em prol de percebermos a história de vida das participantes perante o bullying e as suas compreensões, solicitamos que as mesmas se dividissem em dois grupos, o primeiro grupo dramatizaria uma situação de violência institucional que percebeu em sala de aula e o segundo grupo uma vivência pessoal que teve quando era aluna, perante o bullying. Realizamos essa vivência com os professores visando buscar uma análise que envolvesse não apenas a palavra, mas os gestos, os sentimentos, enfim a complexidade do humano.

**O primeiro grupo**, cuja temática era as experiências atuais na escola em relação ao bullying, dramatizou a história de uma menina ruiva que sofria preconceito devido a sua cor, na medida em que as outras meninas eram negras e as ignoravam por ser diferente. O nome

da menina ruiva era “Giorgina”, ela era sempre deixada de lado nas brincadeiras e era excluída do grupo. A professora, ao perceber tal violência, recriminou as outras três meninas negras, solicitando que ficassem todas de mãos dadas até terminar o recreio. Uma menina perguntou:

-Professora, e se eu pedir desculpas posso me soltar delas?

A professora respondeu:

- Você pode pedir desculpas, mas todas vão ficar de mãos dadas até o término do recreio.

E assim ficaram as quatro meninas de mãos dadas e as discussões entre elas não pararam.

Ao término da dramatização, a participante que havia representado a professora na encenação, relatou que na sua rotina em sala de aula, não costuma deixar seus alunos sem recreio e tem na sua sala o “cantinho do coração”, onde coloca o aluno para pensar quando faz alguma “besteira”. A mesma disse ainda, que não utiliza a palavra castigo e sim uma coisa mais amorosa, como o “cantinho do coração”.

As outras professoras explicaram que tiveram a ideia de fazer essa dramatização porque o aluno considerado diferente pelo grupo, em geral sofre discriminação, sofre bullying.

Dessa forma, percebemos na dramatização e na fala das professoras que o fenômeno bullying foi relacionado, prioritariamente, a “não aceitação do diferente”. Chamou a nossa atenção, no entanto, que em nenhum momento das discussões e relatos no grupo, foi abordado à questão do preconceito racial, mesmo o grupo sendo predominantemente de cor negra e/ou mulata, e os alunos dessa escola também serem, na sua maioria, de cor negra e/ou mulata. Talvez seja por este motivo que a única ruiva do grupo foi escolhida para ser a “diferente” na encenação. Algumas questões podem ser colocadas: Será que essas professoras não acreditam que haja preconceito racial no ambiente escolar e no nosso país? Ou esse preconceito já está tão “naturalizado” que não merece destaque? Ou ainda que todos os preconceitos sejam apenas percebidos como uma não aceitação da diferença? São perguntas que podem ser aprofundadas em um próximo estudo.

Além disso, será que a atitude da professora na dramatização, de colocar as crianças de mãos dadas até terminar o recreio, é a melhor ação em casos de bullying? Ou mesmo o “cantinho do coração”, onde a criança fica parada e supostamente irá refletir sobre a

“besteira” que fez? Interessante como ambas as “punições” envolvem o corpo ficar parado, congelado, como se o corpo da criança já não tivesse que ficar quase imóvel na escola. Consideramos que o bullying e as formas de combatê-lo deveriam ser mais discutidos no ambiente escolar.

O **segundo grupo** ficou responsável em dramatizar a história de vida de alguma professora que participou de atos de bullying. As docentes dramatizaram a história de uma menina que tinha uma mancha no rosto, era discriminada pelos colegas de classe, era chamada de suja e diziam que ela tinha uma mancha de feijão no rosto. A menina se sentia muito incomodada, porém a professora dizia que o que a menina sentia era “frescura”. Na encenação, ficou claro que a professora não dava importância a forma como a menina era tratada pelos colegas.

E um dia, a menina perguntou para a sua mãe:

-Mãe, porque eu tenho esse rosto sujo?

A mãe respondeu com muito carinho:

-Filha, Deus te fez assim com essa manchinha no rosto para quando eu me perder de você, eu poder te achar.

A menina se sentiu tão confortada com essa resposta e o amor da mãe, que considera que conseguiu superar tal discriminação sofrida pelos colegas de classe.

Após a dramatização, a professora que foi protagonista real desse acontecimento, muito emocionada, nos contou que sofreu muito com o bullying e que quando o presencia na sua sala de aula, sempre conta a sua história de vida aos alunos, os quais a partir do relato da professora passam a respeitar o colega alvo de bullying.

Será realmente que a professora conseguiu superar essa violência? Notamos que a mesma demonstrou-se muito emocionada e teve muita dificuldade em relatar o fato, talvez a mesma ainda não tenha superado completamente tal violência sofrida. Outra característica importante desse caso em especial, foi que a mãe da criança contribuiu muito para que essa professora pudesse enfrentar esse problema. Ou seja, a família pode ter um papel fundamental nos casos de bullying, apoiando o aluno e/ou dificultando a sua superação. Uma boa relação escola-família talvez seja muito importante para encontrar caminhos de resolução destes impasses.

Refletindo sobre essas vivências, percebemos ainda, que o bullying se faz presente cotidianamente na escola, seja no passado, seja na atualidade. Isso também ficou perceptível quando relatamos que o tema do curso/oficina seria o bullying, na medida em que muitas professoras demonstraram interesse em participar da discussão e muitas histórias “vieram à tona”. Ou seja, é um tema que sensibiliza as professoras. Em prol de deixarmos o grupo mais relaxado e ligado com a sua criança interna, utilizamos técnicas de relaxamento que trabalharam o corpo (função sensação), embora outras funções também foram incentivadas, como por exemplo, a função sentimento. Trabalhamos também com uma dança circular, prática milenar que nos auxiliou na “liberação” da criança interna das professoras. Percebemos que os participantes mais relaxados e mais ligados com a sua criança interior, nos fizeram refletir com complexidade a visão e história de vida da classe docente perante essa violência institucional (bullying).

Notamos diferentes atitudes tomadas pelas professoras nas duas dramatizações. A primeira professora, que representava os dias atuais, tomou imediatamente uma ação ao perceber tal violência; já a segunda, que representava uma docente do passado, demonstrou não “ligar” para tal acontecimento. Isso talvez possa ter ocorrido devido à conscientização atual, seja através da mídia ou mesmo da recente literatura científica, de que estes atos são percebidos como bullying, como uma violência. Porém, será que a atitude da primeira professora, a da atualidade, de ter colocado as crianças de mãos dadas, pode ser considerada uma boa solução para o conflito? Ou seria esta atitude uma outra violência contra as crianças?

Em ambos os casos relatados acima, percebemos que as docentes não mediarão o conflito visando uma ação mais complexa. A segunda professora, a do passado, apenas se limitou a considerar a tristeza da menina como “frescura” e “besteira”, talvez uma atitude ainda presente em muitas salas de aula na atualidade. A primeira professora dramatizada deu um “castigo” para as alunas, ou seja, ficarem de mãos dadas até terminar o recreio. Esta professora não discutiu a violência com a turma, não solicitou ajuda de outros profissionais da escola, enfim, não teve nenhuma outra ação em relação ao problema. E também na discussão após a dramatização, as professoras não se pronunciaram sobre essa questão.

Percebemos ainda a ausência nos relatos sobre a questão do preconceito racial. As professoras contaram que o diferente sofre preconceito, e na dramatização o considerado diferente era uma menina ruiva. Diferente dos questionários citados no capítulo anterior, nos

quais percebemos a presença marcante do preconceito racial nas respostas dos questionários em casos de bullying.

Outra percepção que podemos citar, foi a dificuldade de uma professora ao dramatizar o bullying sofrido na sua infância, nos levando a reflexão de talvez a mesma não ter superado tal violência. Acreditamos na importância do trabalho de conscientização e discussão como o que foi realizado neste dia. Muitos casos de bullying ocorrem dentro da sala de aula e o professor acaba por muitas vezes, sendo o primeiro a presenciar e intervir. Todos tinham relatos e histórias para contar e esse momento foi muito enriquecedor para a nossa compreensão da importância do professor em casos de violência. Contudo, consideramos que é fundamental que o docente tenha outros espaços e momentos significativos no ambiente escolar para compartilhar e trocar as suas experiências, reflexões e formas de atuação para combater o bullying.



## CAPÍTULO 5. EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Na obra “Corpo e Mente na Educação: uma saída de emergência”, Celano (1999) reflete sobre uma educação voltada para a paz e da dificuldade do ser humano em falar de amor, agir com amor e ensinar a amar. A autora nos instiga um olhar crítico em relação à conjuntura social em que vivemos, que não valoriza as coisas mais “simples” da vida, como por exemplo, falar de amor.

O autor Paulo Freire foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 1993 por contemplar a generosidade, o amor, a tolerância, o respeito às diferenças, pelo seu discurso político e a compreensão da importância do papel da educação para a autonomia dos indivíduos e a prática da libertação. Em 1986, o autor foi premiado com o “Prêmio UNESCO da “Educação para a paz”. Em Paris, após a premiação, o pensador Paulo Freire disse:

De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi, sobretudo, que a paz é fundamental, indispensável, mas que a paz implica lutar por ela. A paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças, o torna opaco e tenta miopisar<sup>5</sup> as suas vítimas.

Paulo Freire enfatiza a importância de lutarmos pela paz, pois ela não é construída sem a nossa intervenção e atos cotidianos de respeito, compreensão, tolerância e amor precisam estar presentes para realmente trilharmos o caminho da paz.

Celano (1999) discutiu que nas nossas falas se fazem presentes todos os dias a naturalização do empobrecimento, da doença, da miséria, da fome, do analfabetismo, do abandono, da agressividade, da corrupção. Precisamos questionar e lutar pela esperança de um país que queremos ter.

Quanto egoísmo, quanta ambição, quanta luta para possuir, não importando o quanto deixamos de ser. Toda uma existência de corrida desenfreada para acumular, receber e usufruir de situações e do poder em todos os níveis, tirando proveito de tudo e

---

<sup>5</sup> miopisar. Deixar míope, dificultar a visão, distorcer o foco.

todos, da miséria, da fome, da ignorância. (CELANO, 1999, p.17)

Percebemos tal situação nitidamente em nossa sociedade capitalista que valoriza a produção em massa, a ambição, a miséria, a fome e a injustiça social. A desigualdade fomenta a diferença das classes, um pequeno grupo detém muito e um grande grupo possui quase nada. O que podemos fazer então?

Podemos experimentar não fazer o que todos fazem, não pensar como a maioria, não seguir a onda das massas inconscientes e inseqüentes. Podemos aprender a vencer a pressão externa para dar “jeitinhos”, para fazer concessões à desonestidade. Podemos começar experimentando a diferença. (CELANO, 1999, p.18)

Percebemos na fala de alguns professores entrevistados, conforme citado no capítulo III, que o bullying é um reflexo da sociedade em que vivemos e da importância de construirmos uma sociedade melhor:

Acho que o bullying é mais resultado da realidade egoísta e competitiva da sociedade do que algo exclusivo da escola. Nós tentamos amenizar e levar um pouco de paz aos alunos, mas nem sempre é possível... (Professora do Ensino Fundamental)

É de fundamental importância para prevenção e orientação, na construção de uma sociedade melhor. (Professora do Ensino Fundamental)

Notamos a importância de uma nova postura social, e o papel imprescindível que o docente possui nessa transformação. A educação tem um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, adolescentes e também dos adultos. Como podemos perceber na análise dos questionários respondidos pelos professores (as), a grande maioria dos docentes reconhece a importância do papel da escola e da sua própria importância em **mediar** conflitos de violência:

O professor e a escola caminham juntos, em parceria criando oportunidades de reflexão, dinâmicas, palestras e atividades diretamente ligadas a esse tema a fim de elucidar, esclarecer e minimizar o bullying no ambiente escolar. (Professora da Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio)

Cabe a escola orientar e trabalhar constantemente o respeito ao próximo e as diferenças. Mas, vale ressaltar que nada disso será válido se, não houver o apoio da família e dos demais ambientes da sociedade o qual o aluno freqüente. (Professora de uma classe especial)

Acho que o papel de ambos é orientar e mediar. Orientar aos alunos, pais deste fenômeno e seus malefícios e mediar da melhor maneira possível as situações de bullying. (Professora do ensino fundamental)

O papel da escola como também do professor em sala de aula é estar atento para as situações em que se configurem o bullying, não minimizando a questão, mas relativizando e levando a escola a refletir sobre esse fenômeno. (Professora do Ensino Fundamental)

Podemos observar na fala das professoras a consciência da importância da escola, da família e dos docentes em mediar conflitos de bullying. É preciso uma ação conjunta de orientação, reflexão e esclarecimento que vise trabalhar o respeito perante o outro.

Percebemos que uma postura que valorize a educação voltada para a paz é imprescindível para combatermos o bullying.

As escolas deveriam educar as emoções dos seus alunos, estimulando-os a pensarem antes de agirem; a lidarem com seus medos, angústias, rejeições, fracassos e frustrações; a canalizarem sua agressividade para atividades proativas; enfim, a não ter medo do medo, a serem líderes de si mesmos, autores de suas próprias histórias. (FANTE, 2005, pp. 96-97)

Notamos a importância de trabalharmos as emoções em nossos alunos, fomentando a transformação das energias “negativas” em “positivas”, em busca do autoconhecimento e de uma cultura de paz.

A autora Cléo Fante desenvolveu um programa antibullying chamado: “Educar para a Paz”, o qual foi implantado pioneiramente em nosso país na Escola Municipal Luiz Jacob, em São José do Rio Preto, localizada no estado de São Paulo, no período de junho de 2002 a julho de 2004. O programa tinha o objetivo de intervir na realidade escolar visando à concretização de uma cultura de paz e integração entre escola, família e comunidade. Foram realizados vários projetos, como: “Mãos que Perfumam”, “Cabeça Limpa”, “Mancha Branca”, “Horta Solidária”, “Arte de Brincar”, “Educação Solidária”, “Solidariedade Ecológica I” e “Solidariedade Ecológica II”. Foi desenvolvido ao longo do projeto atividades que favoreciam o autoconhecimento. Foram utilizados exercícios de respiração, alongamento, interiorização e automassagem em prol de despertar a paz interior da classe discente. Como resultado, o programa obteve índices significativos de redução do comportamento agressivo e expressiva melhora nas relações entre alunos e professores, além de melhorias no desempenho escolar. O resultado das pesquisas iniciais, que detectava em torno de 26% de vitimização, já no segundo semestre de implantação do programa, caiu para 10%; e após dois anos, o resultado mostrava que havia chegado a patamares toleráveis, com índices de apenas 4% de

vitimização.<sup>6</sup>

Percebemos que ao construirmos uma educação voltada para a paz, pode-se diminuir com eficácia a violência escolar, como por exemplo, o projeto citado acima. É preciso trabalhar a conscientização da classe docente, dos alunos, da comunidade e da família do “mal” que o bullying pode causar. Recriminar não nos levará a compreensão e a superação. Notamos na fala das entrevistadas a importância do trabalho conjunto entre escola, sociedade e família em prol da reflexão, orientação, ou seja, visando uma ação mais complexa perante este fenômeno, que é parte da sociedade em que vivemos. Portanto, acreditamos na importância de um trabalho consciente voltado para a busca de uma educação para a paz, no qual é preciso compreender (abraçar junto) este fenômeno, fomentando uma maior interação da tríade escola-sociedade-família.

---

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl84.htm>

## Considerações Finais

A presente pesquisa teve um caráter exploratório devido à dificuldade de material teórico referente à percepção do professor e sua história de vida perante o bullying escolar. Por este motivo, dialogamos com autores que não falam especificamente dessa violência na perspectiva da classe docente, mas que refletiram sobre o bullying e contribuíram para a compreensão deste fenômeno, tais como Beane (2010), Fante (2005), Olweus (1993), entre outros. Portanto, ressaltamos que a palavra bullying é entendida como um conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais, adotado por um ou mais alunos contra outro (a), causando angústia, dor ou sofrimento. Além disso, o bullying pode ser percebido, principalmente, em quatro situações: bullying físico, bullying verbal, bullying social e/ou relacional, e o cyberbullying. Cabe destacar ainda que Fante (2005) define cinco papéis principais desempenhados pelos (as) alunos (as) em situações de bullying: vítima típica, vítima provocadora, vítima agressora, agressor e espectador. Foi interessante notar que a maioria dos professores entrevistados relatou que quando crianças vivenciaram situações de bullying nos papéis de vítima e de espectador.

Destacamos também neste trabalho que, de acordo com as leis vigentes no nosso país, compreende-se que seja obrigação do Estado, da sociedade e da família garantir todas as condições necessárias para o crescimento sadio das crianças e dos adolescentes. Ressaltamos, então, que o direito a dignidade, ao respeito, a liberdade, a saúde, a vida, se encontram ausentes em atos de bullying, ferindo assim a Constituição Brasileira.

Outras questões fundamentais para esta discussão levantadas nesta pesquisa foram a importância da compreensão, da consciência de si mesmo, do outro, do autoconhecimento, do amor, do respeito e da complexidade, analisados a partir de Morin (2000; 2010), Celano (1999), Jung (1978) e Gasparello (2006). Será que realmente estamos no caminho de uma educação que compreenda a complexidade do outro, os processos de individuação da criança, do adolescente e do professor, e que busque a paz?

Percebemos, após este estudo, o quão importante é o papel do professor na construção de uma escola mais harmônica e respeitosa. Concordamos com Morin (2010), quando nos diz que para reformarmos a escola, devemos reformar as mentes dos educadores.

Notamos que, infelizmente, o bullying ainda é pouco discutido, trabalhado e muitas vezes é deixado de lado. Afinal, para buscarmos uma análise mais complexa deste fenômeno, precisamos analisá-lo complexamente também. E isso dá trabalho! O modelo escolar brasileiro, que valoriza a separação, a lógica e a seqüência de um programa educacional, vai de contramão com a escuta sensível de si mesmo e do outro, considerados aqui, imprescindíveis na construção de uma educação voltada para a paz.

Muitos questionamentos foram feitos e como Minayo (1994, pp. 55-56) nos afirma: “Às vezes o pesquisador entra em campo considerando que tudo que vai encontrar serve para confirmar o que ele considera já saber, ao invés de compreender o campo como possibilidade de novas revelações.” Por este motivo é importante saber lidar com as incertezas Morin (2000). Essa pesquisa começou com muitas incertezas e foi tecida com elas também, pois dúvidas e questionamentos foram feitos ao longo do caminho. Este talvez seja o reflexo da estrada que escolhemos percorrer, onde não tínhamos referências científicas que trabalham a percepção e a história da classe docente perante o bullying. Dessa forma, tivemos que percorrer estradas desconhecidas, que nos trouxeram o gosto de sentir a complexidade desta reflexão.

Presenciamos através do grupo de discussão, da análise da dramatização realizada e dos questionários, que a classe docente precisa ser ouvida e refletir mais sobre este fenômeno (bullying). Encontramos muita dificuldade na coleta dos questionários, pois muitos professores(as) demonstraram pouco interesse no preenchimento dos mesmos, cujo motivo possa ser encontrado nas dificuldades da profissão, tais como fadiga e falta de tempo. Em contrapartida, quando realizamos o grupo de discussão, a grande maioria demonstrou-se muito interessada em expor a sua opinião/história de vida. Talvez por não ter tido tempo de conhecer a pesquisadora e analisar a nossa investigação, os professores (as) (dos questionários), tiveram maior resistência, diferentemente do grupo de discussão, pois já estávamos no quarto encontro de um total de quinze encontros programados para o curso oficina: “Subjetividade e trans/formação do adulto no ambiente educativo: trabalhando com

histórias de vida e processos de individuação”. Portanto, podemos perceber que os professores precisam ser ouvidos, precisam de momentos de reflexões e troca de experiências em relação à temática do nosso estudo. Estes espaços de discussão poderão contribuir muito para o trabalho/mediação da classe docente diante desse conflito, o bullying, no cotidiano escolar.

Notamos através das análises dos questionários e do grupo de discussão, que a classe docente, na sua maioria, conhece o significado do bullying, sabe diferenciá-lo de um conflito qualquer e reconhece a importância da escola e do professor na mediação deste conflito. Percebemos um avanço deste conhecimento do docente sobre o bullying em relação aos professores dos docentes no passado, principalmente a partir da análise da dramatização e do grupo de discussão. Pois, como foi dito e dramatizado na história de vida das professoras, há pouco tempo atrás, o discurso habitual era a de que a maioria dos professores não “ligava” e/ou ignorava o bullying, considerando-o normal. Mais ainda, avaliando como “besteira” a atitude daqueles alunos que se sensibilizavam com os insultos.

Porém, somente reconhecer os casos de bullying, sem uma reflexão mais complexa que busque efetivamente uma ação coletiva entre escola-sociedade-família, não irá contribuir para o fim dessa violência. Pois, tal como foi percebido na dramatização e nas discussões realizadas, quando o docente atua “sozinho” para combater o que considera bullying na sala de aula, pode não agir de uma forma muito adequada.

Constatamos a importância de pesquisas e ações que visem trabalhar com a classe docente e com a noção de que o adulto (professor) não é um ser formado e sim em formação. Os estudos sobre o bullying são recentes e acreditamos que futuras investigações virão em prol de ampliar as nossas percepções.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Simone Gonçalves de (org). **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores. Organizado por: Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci.- Rio de Janeiro: Ministério da Educação FIOCRUZ, 2010.

BEANE, Allan. **Proteja seu filho do bullying**: impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles. Tradução: Débora Guimarães Isidoro, Rio de Janeiro, RJ: Ed. BestSeller, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 14ª Ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL, **Constituição da República Federativa**. 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm).

Acesso realizado no dia 22 de set de 2011 as 23 h.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do adolescente**. 13 de julho de 1990. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm). Acesso realizado no dia 22 de set. De 2011 as 22 h.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **A construção amorosa do saber**: o fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana. São Paulo: Religare, 2004.

CABRAL, G. **Cyberbullying**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/cyberbullying.htm>. Acesso realizado em: 20 de abril de 2011 as 18h10min.

CAMARGO, Dayse. **Jung e Morin Crítica do sujeito moderno e educação**. São Paulo: Xamã, 2007.

CARVALHOSA, Susana Fonseca de, LIMA, Luísa e MATOS, Margarida Gaspar de. **Bullying**: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Aná. Psicológica*, nov. 2002, vol.20, no.4, p.571-585. ISSN 0870-8231. Acesso em: 10 ago. 2011.



CELANO, Sandra. **Corpo e mente na educação**: uma saída de emergência. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999

CELANO, Sandra e IVAN, Amaral Guerrini. **Mãos que tocam a alma**: sugestões para uma educação transdisciplinar. São Paulo: TRIOM, 2008

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade-bullying**: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente, 2008.

CHRISPINO, Álvaro e CHRISPINO, Raquel. **Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar**. São Paulo: Editora Biruta, 2002.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

GASPARELLO, Vânia Medeiros. **Subjetividade e formação de professores**: algumas reflexões a partir da psicologia analítica. Revista e-Curriculum. v. 2, nº. 3, dez. 2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/3160/2091>>. Acesso em: 23 set. 2011 as 19 h

\_\_\_\_\_. **Subjetividade e trans/formação de professores**: um convite à reflexão a partir do uso de diários de itinerância. III CIPA (Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) Biográfica). Natal, RN, 2008

GIKOVATE, Flávio. **A arte de educar**. São Paulo: MG Editores, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **“Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si”**. Tradução de Denice Barbara Catani. In: SOUZA, Elizeu Clementino de.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUBEB, 2006.

\_\_\_\_\_. **“As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade singular-plural”**. Tradução de Denice Barbara Catani. In: PASSEGGI, Maria da C. (org.) *Tendências da Pesquisa Autobiográfica*. Rio Grande do Norte: EDUFRN, Paulus, 2008. (Coleção Pesquisa Autobiográfica & Educação)

JUNG, C. G. **Estudos sobre psicologia analítica**. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. **Memórias Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento da personalidade**, Vol. XVII, Petrópolis: Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. **Tipos psicológicos**. Tradução de Lúcia Matilde Endlich Orch. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre psicologia analítica**. Petrópolis: Vozes, 1978.

LOPES NETO, Aramis Antônio. **Bullying comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal da Pediatria*. Rio de Janeiro. 2005;81 (5supl)\_\_\_p. 164-172, 2005. Disponível:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S00215572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00215572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 7 set. de 2010.

MAURO, D.D. **Bullying- um mal silencioso com consequências devastadoras**. Fundação Juscelino Kubitscheck. Disponível em:

<http://www.fundacaojk.org.br/downloads/Bullying%20-%20Um%20Mal%20Silenc>. Acesso em: 10 de set. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. Maria Cecília de Souza.(org).**Pesquisa Social:**Teoria ,método e criatividade. Petrópolis ,RJ.Vozes,1994.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessário à educação do futuro.** Tradução; Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina.- 18ª ed.- Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2010.

OLWEUS, D. **Aggression in scholls:** Bullies and whipping boys. Washington, D.C.: Hemisphere, 1978.

OLWEUS, D. **Bullying at school:** What we know and what we can do. Cambridge, MA: Blackwell, 1993

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 1987.

Revista: nós da Escola Ano 2 nº 16- 2003. Rio Prefeitura Multirio disponível em: [www.multirio.rj.br/nosdaescola](http://www.multirio.rj.br/nosdaescola). Acesso em 20 nov. 2010.

SAIANI, Cláudio. **Jung e a Educação:** Uma análise da relação professor/aluno. 2ª. Ed. São Paulo: Escrituras, 2002. (Coleção Temas Transversais)

SANDERS, E.C., PHYE, D.G. **Bullying:** implications for the classroom. Amsterdam: Elsevier, 2004.

SILVA, V. R. **Bullying não é brincadeira.**

Disponível em:<http://bullyingnaoebrincadeira.com.br>. Acesso em 15 set. 2011.

VOORS, Willian. **The parent's book about bullying:** Changing the course of your child life: for parents on either side of the bullying fence. Minnesota: Hazelden, 2010.

WELLER, Vivian. **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação - Teoria e Prática.** Petrópolis, RJ.Vozes, 2011. 2a edição

#### **DISCOGRAFIA:**

NÓBREGA, Antonio. Abra a roda tin do lê lê. São Paulo: Brincando Produções Artísticas Ltda. 1cd, 3995, digital, estéreo.